

BATISTA, Marta Rossetti & LIMA, Yone Soares de — *Coleção Mário de Andrade — artes plásticas*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1984. Ivii, 316 p. fots. (alg. col.)

Após longos anos de preparação saiu o catálogo de artes plásticas da Coleção Mário de Andrade, elaborado com esmero pelas pesquisadoras da Instituição Marta Rossetti Batista e Yone Soares de Lima. Foi graças ao inestimável patrocínio da Metal Leve S.A. que, na figura de seu diretor, Dr. José Mindlin, um mecenas no verdadeiro sentido da palavra e, ao mesmo tempo, um grande incentivador de trabalhos relacionados com a Cultura Brasileira.

A coleção de Artes Visuais Mário de Andrade é uma parcela do acervo do escritor que compreende também sua biblioteca e seu arquivo. Em seu todo reúne, além das artes plásticas do século XX descritas neste catálogo — pintura, escultura, desenhos e gravuras nacionais e estrangeiras — alguns desenhos e gravuras produzidos em séculos anteriores. Esse material ficou também consignado no apêndice que a publicação oferece. Completando sua coleção de artes plásticas, Mário de Andrade acrescentou imagens religiosas eruditas e populares, objetos da cultura indígena e ligados a manifestações do folclore. Possui ainda objetos relacionados com a Revolução de 1932.

Os entendimentos para a aquisição desse importante acervo do modernismo brasileiro pela Universidade de São Paulo foram iniciados em 1967. Deve-se ao então diretor do Instituto de Estudos Brasileiros, Prof. Dr. José Aderaldo Castello, a iniciativa desse empreendimento. Em 1968, ele foi definitivamente incorporado ao patrimônio desta instituição, ao lado de outras tantas coleções valiosas já existentes na mesma.

O livro em estudo apresenta uma "Homenagem a Mário de Andrade: o colecionador e a coleção", por Gilda de Mello e Souza, uma introdução onde as autoras do catálogo dão um esboço biográfico de Mário de Andrade, destacando o seu papel de "connoisseur" e colecionador, especificamente, da arte brasileira de seu tempo. Destacam em outra parte os principais artistas brasileiros e estrangeiros que figuram nesta coleção e que foram contemporâneos do mesmo Mário de Andrade.

Após a parte introdutória, inicia-se o catálogo propriamente dito. Ele divide o Século XX em artistas brasileiros, estrangeiros e não identificados. Segue-se a esta parte "Vária (Século XVI a XIX)", encerrando-se o livro com a biografia dos artistas. Dentro de cada divisão temos, em ordem alfabética pelo sobrenome do artista, os trabalhos existentes na coleção. Sob o nome do artista as obras estão separadas, em ordem cronológica, conforme a técnica utilizada. Dentro desta, quando possível, algumas obras são reproduzidas. A cor falha, às vezes, na fidedignidade.

A coleção Mário de Andrade é, de fato, uma série representativa do desenvolvimento das artes plásticas brasileiras, no período do entre guerras. Tudo o que tinha e teve nome e renome aqui se apresenta. Alguns trabalhos que constam deste acervo nem eram mais lembrados pelo próprio artista.

Contudo, para as organizadoras, a tarefa de ordenar e classificar quase se mostrava intransponível. Tiveram de remover muitos obstáculos, pesquisar, levantar dados a respeito de cada obra, de cada artista. Para um trabalho desta envergadura não pode existir a premência do tempo. Todo ser vivente tem o seu período de gestação. Assim também foi aqui. Quanto aos artistas estrangeiros, as fontes de pesquisa muitas vezes rareavam. Procurou-se por meio

de correspondência traçar o perfil do artista, rastrear o seu caminho e em várias ocasiões surgia a decepção quando os vestígios se perdiam na areia movediça do tempo...

Levou anos, não há dúvida alguma, mas valeu a pena. Principalmente, o catálogo mostra toda a coleção, conseguindo desenhar, através dos quadros, dos desenhos, das esculturas, um perfil cultural do seu antigo proprietário.

Os pequenos erros de interpretação da escrita nos desenhos são de somenos importância. Senti, contudo, a falta de um índice geral dos nomes mencionados, que daria uma visão global mais rápida. Gostaria de ver ainda, por que não, um quadro estatístico do total das obras, separadas pelas técnicas empregadas, para se poder avaliar a amplitude deste patrimônio. No mais, a "Coleção Mário de Andrade — artes plásticas" aí está para servir de guia ao visitante, de deleite ao apreciador da nossa arte, de ponto de partida para o estudo de toda uma época, da qual a vida artística é uma parte.

Só nos resta agradecer às incansáveis pesquisadoras do Instituto de Estudos Brasileiros Marta Rossetti Batista e Yone Soares de Lima pelo magnífico trabalho apresentado e ao Dr. José Mindlin pela valiosa colaboração e seu interesse amigável para com a instituição, encerrando com chave de ouro as comemorações do vigésimo aniversário de existência do Instituto de Estudos Brasileiros e dos cinquenta anos da Universidade de São Paulo.

*Rosemarie Erika Horch.*

BERGER, Paulo — *A tipografia no Rio de Janeiro*. Impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro, Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984. xii, 226 p. facs.

Desde a mais remota Antiguidade existia a preocupação do homem com a divulgação de textos para que um maior número de pessoas pudesse ter acesso à cultura e aos conhecimentos transmitidos oralmente ou através de manuscritos deixados por gerações de antepassados. No entanto, o processo de transcrição de manuscritos era por demais dispendioso e demorado para que pudesse ser disseminado em grande número.

Em meados do século XV, todavia, a Europa encontrava-se no limiar de uma nova era: o Renascimento. O Humanismo já lhe preparara o terreno: os horizontes se ampliavam cada ano que passava com as novas descobertas, os conhecimentos literários e científicos se aprofundavam com os contatos entre os povos. Enfim, o terreno estava preparado para a nova descoberta, que iria revolucionar a difusão das idéias: a imprensa. Foi feita ela de acordo com sua época e dentro de condições específicas então existentes.

Rapidamente a tipografia atingiu os pontos mais distantes da Europa. E acompanhou as expedições exploradas do século XVI. Já em 1533-1534 o Novo Mundo despertava para o progresso da arte tipográfica. A Espanha permitia a instalação, na cidade do México, da primeira prensa tipográfica do continente recém-descoberto. Só em 1539, contudo, temos o primeiro impresso com data editado naquela cidade.

Mas, se a Espanha era mais liberal e dispensava mais atenção neste ponto aos povos que ia conquistando, Portugal em sua política colonialista para o Brasil não permitia a mesma liberdade de impressão. Todos os textos teriam que passar primeiramente por todas as censuras oficiais e religiosas existentes no império português, isto é, em Lisboa. E depois, uma vez